

## Escrevivências e resistências: uma análise em contos afro-brasileiros de Conceição Evaristo e Elizandra Souza

### *Escritos y resistencia: un análisis de cuentos cortos afrobrasileños de Conceição Evaristo y Elizandra Souza*

Joely Coelho Santiago <sup>1</sup>

Rosália Aparecida da Silva <sup>2</sup>

Iza Reis Gomes <sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo geral analisar, nos contos “Olhos d’Água” e “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”, da autora Conceição Evaristo (2016), e “Afagos” e “Antes que as águas da cabaça sequem...” da autora Elizandra Souza (2020), estratégias de resistência nas tramas construídas pelas autoras a partir de escrevivências que se interligam e se misturam ao longo da obra, tecidas em contextos de periferia e no matriarcado negro. Justifica-se, este estudo, mediante à possibilidade de vislumbrar narrativas de autoras afro-brasileiras que constroem textos literários a partir do que viveram, viram e/ou ouviram. Para isso, utilizamos o conceito de Escrevivência cunhado por Conceição Evaristo como ponto de partida para a análise das narrativas. A pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa perpassou pelos seguintes teóricos numa perspectiva decolonial e literária: Antonacci (2014), Evaristo (2016, 2020), Fanon (2008), Gomes (2002, 2008), Hall (2011), Hampaté Bâ (2010), King (2015), Quijano (1999) e Theodoro (1996). Espera-se ao final do estudo, registrar vivências da mulher negra e estratégias de resistência para sobrevivência, em meio a tentativas hegemônicas de silenciamento, opressão e apagamento da cultura, estética e ancestralidade negra.

**Palavras-chaves:** Conceição Evaristo; Elizandra Souza; Literatura Afro-brasileira; Escrevivência.

**Resumén:** El objetivo general de este estudio es analizar en los cuentos “Olhos d’Água” y “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”, de la autora Conceição Evaristo (2016), y “Afagos” y “Antes que as águas da cabaça sequem...” de la autora Elizandra Souza (2020), estrategias de resistencia en las tramas construidas por las autoras a partir de escritos que se interconectan y mezclan a lo largo de la obra, tejidos en contextos periféricos y en el matriarcado negro. Este estudio se justifica por la posibilidad

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (PPGLI/UFAC). Bolsista Capes. E-mail: [joely.santiago@sou.ufac.br](mailto:joely.santiago@sou.ufac.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4648-8665>

<sup>2</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias (GET/IFRO). Jornalista no IFRO. E-mail: [rosalia.silva@ifro.edu.br](mailto:rosalia.silva@ifro.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9474-6588>

<sup>3</sup> Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM; Pós-doutoranda em Letras: linguagem e identidade pela UFAC; Bolsista BRASIL/CAPES; Professora dos Programas de Pós-graduação em Letras: linguagem e identidade da UFAC; Programa de Pós-graduação Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do IFRO; Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNIR; Líder do Grupo de Pesquisa Criamazônia – Processos de criação na/da Amazônia do IFRO; Membro do Grupo de Pesquisa em Letramento Literário: estudos de narrativas da/na Amazônia da UNIR; Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literatura Infantil e Juvenil (GEPLIJ) da UNIFESSPA; E-mail: [iza.gomes@ufac.br](mailto:iza.gomes@ufac.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8668-1692>

de vislumbrar narrativas de autoras afrobrasileñas que constroem textos literarios a partir de lo que vivieron, vieron y/u oyeron. Para ello, se utilizaron herramientas metodológicas de producción y análisis de datos, concepto de “escrevivência” estudiado por Conceição Evaristo. Se analizará las narrativas a partir de investigaciones bibliográficas con enfoque cualitativo, con fundamentos teóricos de autores como Antonacci (2014), Evaristo (2016, 2020), Fanon (2008), Gomes (2002, 2008), Hall (2011), Hampaté Bâ (2010), King (2015), Quijano (1999) y Theodoro (1996).. Al final del estudio, se espera registrar las experiencias de las mujeres negras y las estrategias de resistencia para la supervivencia, en medio de intentos hegemónicos de silenciar, oprimir y borrar la cultura, la estética y la ascendencia negra.

**Palabras Clave:** Conceição Evaristo; Elizandra Souza; Literatura Afrobrasileña; Escrevivência.

## Introdução

Este estudo tem como objetivo geral analisar elementos de resistência e empoderamento da mulher afro-brasileira na escrita de duas autoras contemporâneas, Conceição Evaristo e Elizandra Souza. O recorte escolhido para análise são quatro contos: “Olhos d’Água” e “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, de Conceição Evaristo (2016); e “Afagos” e “Antes que as águas da cabaça sequem...”, de Elizandra Souza (2020).

Pretende-se analisar elementos que evidenciem escrevivências e resistências da mulher negra nas tramas construídas a partir de escrevivências que se interligam e se misturam ao longo da obra, tecidas em contextos de periferia e do matriarcado negro. Dito isto, este estudo é norteado pela seguinte problematização: Quais elementos evidenciam estratégias de resistência nos contos selecionados das autoras negras Conceição Evaristo (2016, 2020) e Elizandra Souza (2020)?

A partir da pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, com fundamentação teórica de autores e autoras como Antonacci (2014), Evaristo (2016, 2020), Fanon (2008), Gomes (2002, 2008), Hall (2011), Hampaté Bâ (2010), King (2015), Quijano (1999) e Theodoro (1996), analisaremos as narrativas numa perspectiva decolonial e literária.

## 2 Escrevivências e Resistências na Literatura afro-brasileira escrita por mulheres

A obra intitulada *Olhos d’Água* de Conceição Evaristo (2016) reúne 15 contos com temáticas diversas como ancestralidade, violência doméstica, assassinato, maternidade, classe social e gênero. O conto que iremos analisar encontra-se nessa obra. No que diz respeito ao

conto de Elizandra Souza (2020), está inserido na obra intitulada *Filha do Fogo*. Há 12 contos, que foram, desde o início, definidos como contos de amor e de cura.

A escrita de mulheres negras foi invisibilizada por muito tempo e por vários motivos. Escrever literatura pode ser considerado uma resistência, uma possibilidade de repassar à escrita uma identidade e uma resistência a todos os dispositivos de inferioridade que sofreram.

Segundo Theodoro (1996, p. 68):

Ao falar das mulheres negras na realidade brasileira, estou refletindo sobre mim mesma, saindo do silêncio em que, tenho certeza, está a quase totalidade das mulheres brasileiras, que convivem numa sociedade etnocêntrica, racista e sexista, que usa e abusa de uma linguagem que veio de longe, que exprime conceitos alheios à realidade global do país, além de projetar sobre os demais segmentos populacionais uma série de rótulos e categorizações. Penso aqui como sujeito de minha própria história, com direito à voz e vez.

O conjunto ‘mulheres negras’ apresenta uma carga identitária bastante expressiva, não se encaixa em padrões europeizados, possui sua própria história, suas experiências, lutas e dimensões políticas, culturais, econômicas, sociais e literárias. A autora abre a perspectiva de um sujeito da própria história, de uma voz e vez conquistada, e não herdada ou presenteada. A luta dessas mulheres coincide com a luta contra o racismo que ainda hoje é vigente. De acordo com Hall: “[...] a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação [...], que ela pode constituir um ‘posicionamento ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade’ (Hall, 2011, p. 409). A identidade é algo em construção, em processo, não há como determinarmos, definirmos. Há uma variável de elementos que disputam e constituem essa hibridização, essa mescla de contextos estará sempre presente em todas as identidade. E a mulher negra traz a coletividade, o conjunto de um grupo que representa toda uma ancestralidade, uma resistência aos dispositivos de poder que tentam imperar e invisibilizar as produções, sejam artísticas ou não.

A trajetória das mulheres negras no Brasil perpassa por muitos obstáculos: escravidão, inferiorização, sexualização, menosprezo, incapacidade, subalternização. Giacomini (1988, p. 66) escreveu sobre a sexualização sofrida pela mulher negra:

A sexualidade da escrava aparece para o senhor livre de entraves ou amarras de qualquer ordem, alheia à procriação, às normas morais e à religião, desnuda de toda série de funções que são reservadas às mulheres brancas,

para ser apropriada num só aspecto: objeto sexual. A exaltação sexual da escrava e o culto à sensualidade da mulata, tão caros à nossa cultura branca e machista, vistos sob um novo prisma, mais do que explicar os ataques sexuais às escravas, parecem cumprir uma função justificadora.

A posição da mulher negra era sempre inferior à mulher branca. Sua “possível” disposição à violência sexual não abria nenhuma brecha para ser uma mulher livre, ainda mais uma mulher negra com direito à voz.

No entanto, as resistências sempre existiram, fossem individuais ou coletivas. A critério historiográfico, pontuamos o I Encontro Nacional da Mulher Negra, acontecido em Valença, Rio de Janeiro, no mês de dezembro de 1988.

Figura 1 – Informativo do I Encontro Nacional de Mulheres Negras



Fonte: enfpt.org.br<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.enfpt.org.br/acervo/jornadas/jnfc-racismo/timeline/media/documentosacervo/1988IEncontroNacionaldaMulherNegra76.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2024.

O informativo é uma forma de resistência ao desmando e à violência sofrida por essas mulheres que questionam seu lugar, sua voz e seus direitos. O informativo apresentava o seguinte texto:

Esse encontro tem por finalidade precípua, congregar mulheres de todo território nacional e levar-nos a refletir sobre a verdadeira razão que nos torna diferentes, ou a razão pela qual nos é dado um tratamento diferenciado dos demais indivíduos que compõe a sociedade [...]. Gostaríamos de deixar claro que não é nossa intenção provocar um ‘racha’ nos movimentos sociais como alguns elementos nos acusam. Nosso objetivo é que não só, mulheres negras, comecemos a criar nossos próprios referenciais, deixando e olhar o mundo pela ótica do homem, tanto o negro quanto o branco, ou da mulher branca. O sentido da expressão ‘criar nossos próprios referenciais’ é que queremos estar lado a lado com as(os) companheiras(os) na luta pela transformação social, queremos nos tornar porta-vozes de nossas próprias ideias e necessidades, enfim queremos uma posição de igualdade nessa luta [...]. Cabe lembrar ainda que o movimento social, como um todo, considera que a questão racial é secundária e que será resolvida na medida em que acabarem as desigualdades sociais.

Segundo Bianca Maria Santana de Brito, ‘participaram 450 mulheres negras, de 17 estados, que vinham de diferentes setores e experiências organizativas: governo, movimento feminista, movimento negro, sindicatos, associações comunitárias ou religiosas’. (2020, p. 92). Diante desse fato histórico, pontuamos a luta das mulheres negras em se posicionar e levantar pautas para que pudessem mudar uma realidade opressora. Uma realidade em que as identidades eram nem eram questionadas, mas aniquiladas. Continuando com Brito (2020), o tema central do encontro era a organização do movimento nascente de mulheres negras com os seguintes objetivos:

Denunciar as desigualdades sexuais, sociais e raciais existentes; fazer emergir formas locais de luta e auto-determinação, elaborar documento para uma política alternativa de desenvolvimento; encaminhar uma perspectiva unitária de luta dentro da diversidade social, cultural e política; estabelecer grupos de trabalho para registro e posterior retorno das participantes; realizar um diagnóstico das mulheres negras; discutir as formas de organização das mulheres negras; elaborar propostas políticas que façam avançar a organização de mulheres negras colocando para o mundo a existência do movimento de mulheres negras do Brasil de forma unitária e diferentes vertentes políticas.

Dessa forma, temos um passo que foi dado por essas mulheres negras em uma luta contra o racismo e em busca de suas identidades. As resistências criadas a partir daí são ações que abriram caminhos e proporcionaram que outras mulheres negras aparecessem e

continuassem a luta. Não basta criar condições, há uma necessidade de incomodar, de provocar, de retirar as “verdades cômodas” de seus lugares. E a escrita das escritoras negras trazem essa observância, essa proposta de sacudir o tapete e questionar “onde estão as vozes que foram caladas?”. Corroborando essa luta temos as palavras de Conceição Evaristo e seu termo ‘escrevivência’:

Eu venho trabalhando com esse termo desde 1994, 1995, quando eu faço a minha dissertação de mestrado, e aí eu começo a fazer um jogo entre escrever-viver, escrever-se-ver, escrever-se-vendo, escrevendo-se, até chegar ao termo escrevivência. Mas o ponto de nascimento dessa ideia traz um fundamento histórico, que é esse processo de escravização dos povos africanos e eu estou pensando muito nas mulheres africanas e suas descendentes escravizadas. E por isso que eu digo: ‘a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para acordá-los de seus sonos injustos’.<sup>5</sup>

Nesta perspectiva, valida Conceição Evaristo (2020, p. 30), que a escrita de mulheres negras, dentro da Literatura Afro-brasileira, “é um fenômeno diásporico e universal” no qual:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sobre o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.

Mulheres negras, nos últimos tempos, têm levado para o palco da Literatura Afro-Brasileira vivências, ancestralidades, linguagens e culturas. Em outras palavras, um discurso literário que retrata formas de vida, resistências e visões de mundo específicas e, que de acordo com a autora do conceito, Conceição Evaristo, a Escrevivência é “escrita e existência, é amalgamar vida e arte” (p.31). Desta forma, observa uma escrita e uma resistência coletiva no qual mulheres/autoras negras levam suas produções literárias, considerando que em outras épocas isso foi muito pouco visto na Academia. Uma escrita que marca a inserção de “novas” temáticas dentro de uma Literatura específica, a Afro-Brasileira, visto que “ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também” (Evaristo, 2020, p. 30). Não obstante, uma luta pelo direito à Literatura enquanto mulheres negras.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida a Morgani Guzzo. Disponível em: <https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstroi-a-historia-brasileira/>. Acesso em: 05 abr. 2024.

### 3 Apresentação e análise dos contos

#### 3.1 “Afangos”

Em “Afangos”, o conto narrado em primeira pessoa, da autora afro-brasileira Elizandra Souza (2020), residem nas primeiras palavras (ou parágrafos iniciais), o espaço adequado para prender o leitor e dizer o que vai discutir no restante da trama. Souza (2020, p. 34) mostra que são os cabelos o ponto alto da história: “Eu não gostava de pentear os cabelos”. A declaração da narradora abre o caminho para desenvolver na história como passou a ter toda essa relação mais conflituosa com seus cabelos crespos. Quando a narradora afirma:

Eu não gostava de pentear os cabelos. Minha mãe esticava bastante os fios e tenho a impressão de que meus olhos se tornaram meio puxados de tanto que ela escovava minhas madeixas. Na época, era um sonho ter o meu cabelo levado pelo vento, mas ele vivia preso que nem pitbull. Passei a não gostar do toque, não sei, parecia sentir dor quando alguém ameaçava afaga-lo (Souza, 2020, p. 34).

Dara, a narradora, nos apresenta um inconformismo com seus cabelos, uma não identificação, aquele cabelo a incomodava. Podemos identificar aqui a influência da racialização branca, a proposta do colonialismo em embranquecer as pessoas negras. Essa falta de se reconhecer com seu cabelo traz o histórico do colonialismo e do preconceito contra as mulheres negras e seus cabelos. São identidades invisibilizadas que precisam ser discutidas e problematizadas. O conto traz essa realidade em relação ao espaço da escola. Gomes problematiza essa ideia:

[...] construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural? (Gomes, 2002, 43).

Pontuamos juntamente com a autora essa realidade cruel nas escolas. Meninas com cabelos crespos precisando se adaptar ou se explicar e até se anular diante de estereótipos que não são discutidos ou são invisibilizados. Dara nos traz essa realidade e nos faz problematizar como a escola está trabalhando essa temática.

A narradora vai intercalando com a relação social, cultural e histórica do próprio país, no caso, com a população negra e de recorte de gênero feminino. Historicamente, o corpo negro, sobretudo o cabelo afro, foi visto como sujo, feio, que precisaria ser disciplinado até atingir o ponto liso e *maleável*. Essa ideia de raça, afirma Quijano (1999, p. 26) é resultado de “processos históricos, políticos e sociais”, desde a modernidade, utilizada como justificativa para dominação e conquista dos povos não europeus, ou seja, um campo fértil que favoreceu a diferenciação entre os grupos sociais (Quijano, 1999). Corroboram Santiago e Assis (2017, p. 99) quando afirmam que:

[...] é no momento da diferenciação que se gera a discriminação, pois quando a sociedade atribui os valores hierarquizados às diferenças, se colocando numa posição incapaz de percebê-las como particularidades ou características equivalentes, que deveriam ser aceitas e respeitadas por representarem os aspectos que evidenciam a multiplicidade de características inerentes aos (diferentes) indivíduos e aos grupos por eles constituídos.

Nesta perspectiva, a escola (representada no texto), como instituição formadora, mostra em “Afagos”, a dura realidade de uma aluna negra em que a professora não conseguiu olhá-la nos olhos. O único momento que a tutora a olha nos olhos é para chamá-la a conferir se estava com piolhos, algo que não fez com mais nenhum dos alunos (uma classe composta por estudantes brancos com algum poder aquisitivo): “Pela primeira vez, a Profi tocou meus cabelos com as pontas dos dedos, como se eu as espetasse” (Souza, 2020, p. 35). O verbo utilizado pela aluna – “espetasse” – demonstra a relação de desrespeito à diferença, a ação é da professora (“a professora tocou meus cabelos”), mas a sensação de incômodo percebida pela aluna é como se os seus cabelos alfinetassem as mãos brancas da professora. Sem encontrar nada do que procurava, a professora só expôs à humilhação a própria narradora da história, a Dara: “A Profi deveria ter verificado os cabelos delas que estavam mais propícios à proliferação de piolhos do que o meu que estava sempre preso” (Souza, 2020, p. 35). Desta forma, esse exemplo anterior, é apenas um entre tantos outros do racismo que é exposto pela narrativa de Dara.

Os cabelos negros fazem parte da identidade, carregam uma simbologia própria. E minimizar ou tentar invisibilizar essa característica é negar a identidade, é desfazer de uma cultura, de uma representação importante. Gomes também pontua sobre os cabelos crespos:

Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo



negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos (Gomes, 2008, 54).

Daí a importância de se valorizar todos os tipos de cabelos. De problematizar essas questões em sala de aula. A autora Elizandra Souto nos faz refletir com o conto e uma situação fictícia, mas que faz parte da escrevivência das mulheres negras, do querer modificar uma realidade, de provocar problematizações e enxergar o Outro com suas próprias características, suas construções sociais, culturais, políticas e ideológicas.

Da infância à juventude – espaço de tempo em que irá conhecer o jovem Jawari (*paz amorosa*), passando pelas descobertas da adolescência em que inicia o processo de chapinhas e alisamento do cabelo, momento marcante no Ensino Fundamental, em que a estudante a partir de todo o contexto em que vive, inconscientemente passa pela tentativa de apagamento da sua identidade negra, tentando assumir-se outra, invisibilizando-se enquanto indivíduo com suas particularidades. Observando, pois, pela teoria de Fanon (2008, p. 28) que discute muito desse processo que se leva à inferiorização social, em que diz inicialmente “por mais doloroso que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco”.

O nó da trama vai ocorrer justamente ao lado de Jawari, quando ele mexe em suas *feridas* mais íntimas: “Estávamos conversando, eu deitada em seu colo e ele acariciando os meus cabelos, mas eu já estava me sentindo incomodada” (Souza, 2020, p. 38). Neste momento delicado é que ocorre o questionamento de Jawari por que alisar o cabelo. A libertação e aceitação de si, baseada nas lutas como do norte-americano Malcolm X é que vai resultar em solução, ao aceitar pela primeira vez sair sem fazer uma chapinha (usando um creme de pentear e afagando as pontas dos cabelos).

Para conclusão, demonstrando que realmente a frase de abertura do conto estava certa, de que o fato de não gostar dos cabelos era algo em processo, ou seja, para que Dara pudesse enxergar seus cabelos de forma natural, precisou que alguém mexesse na ferida, questionasse a amarra das chapinhas. A partir do momento em que esse questionamento é problematizado pela narradora, há uma autoafirmação de sua identidade, de sua cultura e de sua beleza.

### 3.2 “Antes que as águas da cabaça sequem...”

Narrado em terceira pessoa, “Antes que as águas da cabaça sequem...” dedicado às mulheres pretas rastas, da autora afro-brasileira Elizandra Souza (2020), mostrará o processo de Zahra (*brilhante* ou *luminosa*) na opção por penteado do estilo *dreads*. Sua pequena filha também quer ter os cabelos como os da mãe, cheios das bonitas tranças. Na escrita há uma ligação intertextual com a literalidade de uma história ancestral. Esta intertextualidade segue até o desfecho da história. O mergulho na cachoeira, que abre alas ao conto, será aquele que ela vai abençoar os seus cabelos e o da sua filha Nina após a ida à cabeleireira e amiga Aziza para fazerem *dreads*. O processo para sua decisão de libertar a si e os cabelos está na leitura que fez da escritora Alice Walker (EUA), de que cabelo oprimido seria um teto para o cérebro. Foi neste diálogo com o pensamento da escritora que se dirigiu um tempo atrás para o seu primeiro aplique, onde estava o nó a ser resolvido na história:

– Fico muito emocionada de receber vocês! Quer dizer que a Nina também irá dreadar os cabelos que nem os da mãe? Eu nunca vou esquecer como você chorava naquele sábado de primavera. Chegou aqui toda descabelada com um texto na mão. Hoje vem com essa flor! Me sinto honrada de fazer as mulheres dessa família feliz. [...] (Souza, 2020, p. 25).

Verifica-se nesta parte final do conto, no clímax, quase a encerrar a narrativa, que o processo por fim vai ter continuidade, na filha, sua pequena *abayomi*, e quiçá para o restante da família/descendentes. A desvalorização sobre o cabelo afro, pela sociedade, resultou aos negros, sobretudo às mulheres negras, a procura por processos e tratamentos corrosivos para alisamento dos fios. Durante muito tempo foi posto esse destino branco às mulheres, às mães, pois em grande maioria, elas levavam as filhas ainda na fase inicial da adolescência, para iniciar o alisamento dos cabelos. Mulheres negras de classe social econômica pobre prepararam a própria mistura química em casa mesmo, a partir de produtos adquiridos em supermercados e farmácias. Pastas em creme com formol e outros produtos fortes em sua composição que agrediram o couro cabeludo, deixando-o sensível por dias.

O processo de alisamento concluía-se com ferro de passar roupas ou chapas de cabelo, que também queimavam partes da cabeça, da testa e da nuca, pois o objetivo era quanto mais lisa a raiz, melhor. Para King (2015, p. 8): “os cabelos são considerados em diversas culturas como elementos marcantes na construção da beleza feminina”. No caso dos meninos negros, era muito comum os pais passarem a máquina *no zero*, evitando que o cabelo crescesse e

mostrasse sua curvatura não lisa. O cabelo afro, desde a colonização, foi ligado à insatisfação e à feiura.

Nesta direção, durante muito tempo, os homens negros mantiveram seus cabelos curtos, com o corte de cabelo *social* e, as mulheres resolviam essa questão com alisamentos dos fios. Em outras palavras, ao que tudo indica, as mulheres foram discriminadas quanto aos cabelos não alisados. Apesar dos avanços na valorização do cabelo afro em mulheres negras, sobretudo às de pele retinta, na categoria trabalho, elas ainda são as menos contratadas, para além dos trabalhos ligados a limpezas em casas de família<sup>6</sup>.

Dredar os cabelos, como nos ensina Elizandra Souza (2020), é um resgate ao que um dia foi classificado como sujeira. É a valorização das tranças, cultuadas pelas populações africanas desde a Pré-história, de não apagamento de identidade ou silenciamento de ser quem se é. Portanto, um processo para estimular homens, mulheres e crianças negras ao que eles querem ser, é mostrar-lhes caminhos para que esses grupos marginalizados possam fazer escolhas: liso, natural, com *dreads*, sem *dreads* e assim por diante. Não obstante, há dentro de todo esse movimento de valorização do cabelo afro, pela sociedade, outra forma de invasão ainda continua ligando cabelos afros com *dreads* à sujeira e mau cheiro: “Como que você lava isso aí? [...] Como você lava? É de lã? [...] Mas como você faz? Não seca? Não apodrece? [...] Ah, mas não fica fedido?” (Souza, 2020, p. 23). São escrevivências de mulheres negras que lutam por voz e vez nesse mundo considerado, erroneamente, hegemônico. Temos culturas que trazem a representatividade de vários povos, comunidades, etnias. Somos diferentes e precisamos valorizar essa alteridade, essa pluralidade cultural. Como disse Munanga (2005, p. 54):

As próximas gerações não podem abrir mão de viver, não podem abrir mão de sonhar. Um mundo melhor, não sei se existe, é nesse mundo concreto que estamos vivendo e que estamos lutando e cada um deixando para as gerações mais jovens a consciência da mudança. Transmitindo essa consciência para as outras gerações, e assim continuar a vida.

Precisamos que mais escritoras pratiquem a escrevivência, a escrita de suas experiências, de seus desejos, angústias e sonhos. Acordar a casa grande é o desejo de todos nós.

---

<sup>6</sup> Matéria disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/09/preconceito-com-cabelo-crespo-reduz-contratacao-de-negras.shtml>. Acesso em: 25 dez. 2023.

### 3.3 “Olhos d’Água”

No caso dos escritos de Conceição Evaristo (2016), iniciando pelo conto “Olhos d’Água”, que é homônimo ao título da obra, a filha começa a se perguntar qual seria a cor dos olhos de sua mãe. Uma interrogação que vai ficando cada vez mais dolorosa, como uma saudade crescente no peito, de quem agora mora longe da casa materna. Narrado em primeira pessoa, o texto vai lembrando vários detalhes da matriarca. Das alegrias e tristezas, juntas, mãe e filha e as outras seis irmãs. “Mas de que cor eram os olhos dela?” (Evaristo, 2016, p. 16).

Nesta perspectiva, importa mencionar sobre heranças culturais repassadas de geração a geração, sobretudo pelos povos africanos, ancorados numa *tradição viva* (Hampaté Bâ, 2010). Em consonância, Antonacci (2014, p. 287): “atualizando crenças e valores, valendo-se do ritmo, do corpo, de linguagens visuais e verbais que ainda escapam a nossa compreensão e capacidade de abordagens que deem conta da plasticidade da arte da memória negra”. Ainda nesta perspectiva da ancestralidade, Antonacci (2014, p. 284-285) afirma que:

Em primórdios do tráfico Atlântico, já no navio negreiro, emergiram sinais de culturas orais africanas, enunciado tempos de subterrâneas lutas culturais nas Américas. Em meio a sutis subterfúgios, engenhosamente acionados por jogos e saberes de suas ancestrais civilizações, a beleza negra que hoje reencanta o mundo, em rebeldia a padrões de poder e imposturas de seus senhores da expansão europeia, vem renovando seus estoques culturais, marcando presença em inúmeros tempos, espaços e agenciamentos políticos.

De toda maneira, nesse reencontro com o passado, a filha revisita memórias da época com a mãe nos diversos espaços e tempos em que pôde viver com ela, tentando lembrar-se da cor de seus olhos. Uma tarefa difícil de fazer, pois a mãe mantinha-se sempre ocupada trabalhando e, porque talvez fosse algo que a filha, em outros momentos, não tinha observado. Até retornar à casa da mãe e redescobrir as cores daqueles olhos, as lembranças vão vindo à tona. Por fim, destaca o que viu, olhos d’água, lágrimas e correntezas. É como a Mamã Oxum, a Orixá das águas calmas, do amor e prosperidade. O dia de Oxum (Osum, Oshun ou Ochun) é em 8 de dezembro (data na igreja católica de Nossa Senhora da Conceição). Entre suas representações estão ser uma deusa da união, fecundidade e fertilidade. E o dom dos olhos d’água são ancestrais, porque a própria filha da narradora (que parece representar muito a própria escritora, até pela escrita em primeira pessoa) a vê do mesmo modo: “– Mãe, qual é a cor tão úmida dos seus olhos?” (Evaristo, 2016, p. 19).

### 3.4 “Ayoluma, a alegria do nosso povo”

O quarto conto, analisado neste estudo, é “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, que Conceição Evaristo (2016) escreve em terceira pessoa (indo à primeira pessoa do plural quando se envolve ancestralmente na narrativa). Mostra a história de um povoado (talvez de um povo todo) que vai perdendo tudo, inclusive os bens necessários à vida, como os sonhos. A escassez e o lamento levam idosos e jovens a deixarem de querer viver. Aqui, enfatiza-se a importância dos anciãos dentro das comunidades africanas, que segundo Hampaté Bâ (2010, p. 183): “são eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios etc. [...] O ensinamento não é sistemático, mas ligado às circunstâncias da vida”. Logo, a vida nas comunidades africanas, pode ser interpretada entre um elo ou conexão estabelecida entre as gerações “que em disposições morais e estéticas ‘dançam a sua vida’” (Antonacci, 2014, p. 289).

Nesta direção, a possível interpretação em “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, é que os primeiros partem e os mais jovens começam inclusive a matar uns aos outros, embriagados pela vida amarga. Um contexto, portanto, de uma comunidade que todos estavam desesperançados, parecendo adormecidos à ancestralidade. “As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventaram formas de enfrentar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias” (Evaristo, 2016, p. 112). E isso só vai ser alterado quando nasce a filha da esperança (*Bamidele*): “em que qualquer fenômeno observado permite remontar às forças de onde se originou e evocar os mistérios da unidade da Vida” (Hampaté Bâ, 2010, p. 183).

Quando esta mulher de nome *Bamidele* anuncia que em breve uma nova descendente chegará, algo acontece e faz aquelas pessoas despertarem, pois, “todos se engravidaram da criança nossa” (Evaristo, 2016, p. 113). Será assim que o povoado tomará a vida novamente em suas mãos e voltará a lutar buscando soluções: “Uma menina que buscava caminho em meio à correnteza das águas íntimas de sua mãe. E todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas nós sentimos algo se contorcer em nosso ventre, os homens também” (Evaristo, 2016, p. 114).

### 3.5 Um entrelaçamento de forças e afetos entre mulheres afro-brasileiras

Conforme visto, os textos escolhidos são contos urbanos, periféricos, da categoria universal da temática Afro-literária, com escrituras de autoras negras em destaque. Nos dois primeiros contos, “Afagos” e “Antes que as águas da cabaça sequem...”, da autora Elizandra Souza (2020), estão ligados à temática de cabelos crespos em homens e mulheres negras, sobretudo mulheres negras, os *dreads* que decidem fazer e os enfrentamentos às ações e discursos discriminatórios, racistas e sociais por quais irão passar em suas vidas, retratadas em espécie de fotografia, na qual a trama vai sendo delineada linear e objetivamente, de algum momento dado da vida dos personagens, com maior destaque para a referida criação literária contística.

Os dois últimos, “Olhos d’Água” e “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, da autora Conceição Evaristo (2016), amplia-se mais a temática, percebe-se uma forte ancestralidade, que se bem observada, está amalgamada também nas escolhas da primeira escritora. Como escreve neste trecho Evaristo (2016, p. 114): “Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida”.

Amparado na teoria da criação literária, lê-se em Moisés (1989, p. 44): “[...] uma tensão poética que desencadeia no leitor sentimentos comovidos ou perplexos acerca da vida. Uma espécie de poesia das coisas, enternecimento diante do reiterado esforço humano de superar os limites da própria condição”. Também o empenho estilístico de Sousa (2020) confere beleza e sensibilidade ao abordar o tema e delimitar seu conteúdo a essa supracitada “poesia das coisas”, ou mais acertadamente, à poesia dos cabelos. O drama se apresenta ainda na fala das personagens e seus interlocutores:

[...] – Como você lava isso aí?  
– Não entendi.  
– Como você lava o seu cabelo?  
– Eu coloco xampu, massageio e enxáguo...  
– Então, do mesmo jeito que você lava o seu, eu lavo o meu! [...] (Souza, 2020, p. 23).

Não só nos diálogos e nas palavras proferidas, mas também nas pensadas, em atos e/ou gestos: “Quando a conversa desfechava na contramão, Zahra torna-se séria, ao ponto, que a outra pessoa se atrevia ao conserto da frase maldita” (Souza, 2020, p. 24). Apresentadas as

personagens e as circunstâncias da história, mais o momento/lugar singular em que se desenvolvera a ação, logo as histórias dão a complicação que movimenta a trama. Em ambos, o cabelo, com o diferencial de que no primeiro conto o processo de entendimento de quem se é está ainda por se desenvolver. E, no segundo conto, é quase como um segundo momento, em que já ocorreu a transição. E, mesmo a princípio, não achando bonito, aceita-se, transcrito no desfecho da ida para abençoar os *dreads* em um banho de cachoeira. Assim, a solução do conflito é vista na ação de descoberta interna das personagens.

Em detalhe, o tempo utilizado em cada um dos contos de Souza (2020) é um momento de vida das personagens (Dara e Zahra). Igualmente a unidade de espaço, pois apesar de haver ambientes secundários, que colaboram na criação da dramaticidade, o principal é aquele onde o cabelo teve destaque. O que colabora em dar o tom da história, reunindo o espaço e o tempo em uma estruturação harmoniosa, dentro de um drama de sentido único ou de um único objetivo, ovalado, pois conforme Moisés (1989, p. 23), demonstrou-se “preocupação do contista no sentido de provocar no espírito do leitor numa só impressão, seja de pavor, piedade, ódio, simpatia, acordo, ternura, indiferença, etc, seja o contrário delas”.

Estavam os contos comunicando uma emoção, ou um sentimento em relação aos cabelos de suas protagonistas em mimese ao contexto externo. A ideia de liberdade, de se autoamar e se autoproteger, que ocupou na escrita fragmentária de forma a levar ao público um único objetivo maior e, desta maneira, densa por seu estilo curto. Para arrematar as histórias, os epílogos recapitulam o mote inicial, numa estesia poética a partir do cotidiano de diferentes mulheres. A dor e o sofrimento de angústia interior das personagens alcançam a quietude criadora, pois, por fim, conseguem “encarar a vida como lutar” (Moisés, 1989).

Corrobora Hampaté Bâ (2010, p. 183): “a vida na comunidade depende da solidariedade e do esquecimento de si mesmo”. A própria mãe que tem olhos d’água, na tentativa de que suas filhas não vivenciem a falta do alimento é o próprio alimento-amor. Ela deixa-se ser brinquedo, era boneca negra e rainha, e as filhas-súditas a adoravam com todas as formas de presentear: “As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos referência à Senhora” (Evaristo, 2016, p. 17). Dor, esperança e muito amor, tudo reunido nestas linhas das contistas analisadas. Acredita-se que os contos foram escritos para mostrar um efeito de luta coletiva contínua, visto que são de amor e cura.

## Considerações Finais

O objetivo desta análise foi a identificação de resistência e empoderamento da mulher negra afro-brasileira nas autoras contemporâneas Conceição Evaristo (2016) e Elizandra Souza (2020). As obras selecionadas foram *Olhos d'Água* com os contos “Olhos d'Água” e “Ayoluwa, a alegria de nosso povo” da autora Conceição Evaristo (2016); e *Filha do fogo: 12 contos de amor e cura*, com os textos “Afagos” e “Antes que as águas da cabaça sequem” da autora Elizandra Souza (2020). Em ambas as obras, desde a capa, mulheres são o destaque. Na primeira, um olho-lágrima-rio de tristeza e felicidade é estampado ocupando quase toda a página, quase que em P&B (preto e branco), mas com as águas azuis da cor do mar/Planeta Terra. Na segunda obra, uma mulher-rainha-fogo se lança com olhos fechados e braços elevados para o amor e à cura.

Como verificamos no estudo, as histórias se entrelaçam. Há um renascimento, uma *Ayoluwa* surgindo para trazer a esperança junto com a escrita de cada uma das autoras. É uma *abayomi* dreadando os cabelos, dando continuidade à história de resistência e beleza tal qual a mãe. E da mãe que se coloca como uma grande boneca negra para todas as filhas brincarem com seus cabelos e fugirem da difícil realidade vivida. Ou mesmo a filha que vê em sua mãe olhos d'água, úmidos, caudalosos como uma cachoeira de ancestralidade. Para as mulheres negras aqui apresentadas, a matemática do pensamento literário dos contos está nesta escrita cirúrgica. De mirar e acertar o alvo que é parte de sua constituição histórica e social. Da ancestralidade dos que vieram antes e dos que as irão suceder. De se fortalecer e fortalecer novamente aos demais de sua comunidade/povoado.

Em uma sociedade que impera hegemonia de uma cultura branca, a forma como a mulher afro-brasileira se coloca em seus textos visa ser uma estratégia para superar os silenciamentos impostos a todo momento, pois “as mulheres, sem dúvida, participaram/participam da produção histórica e literária, mas pelas ‘portas dos fundos’, assim como em todos os setores da vida produtiva e ativa das sociedades” (Tedeschi, 2016, p. 154). Questionamos até quando ou a que ponto conseguirão silenciar estas vozes? ou como diz a própria Conceição Evaristo (2016, p. 109) em outro conto de seu livro: “Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. ‘Escrever é uma maneira de sangrar’. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito”.



## Referências

- ANTONACCI, Maria Antonieta. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2. ed. São Paulo: educ, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d'Água. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In*: **Escrivência**: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado [Ogs.]. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras brancas**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GIACOMINI, S. M. **Mulher e Escrava**: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.
- GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. 2002. Tese (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo São Paulo, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade**. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In*: **História Geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.
- KING, Ananda Melo. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabeças/>. 2015. Acesso em: 25 dez. 2023.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: Prosa. 21. ed. São Paulo: Cultrix 1989.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- QUIJANO, Aníbal. Que tal raza! **Revista Ecuador Debate. Etnicidades e Identificaciones**. Quito: CAAP, n° 48, dez. 1999. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/5724>. Acesso em: 14 out. 2023.
- SANTANA, Bianca. **A escrita de si de mulheres negras**: memória e resistência ao racismo. Orientador: Marco Antonio de Almeida. Tese (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020.

SANTIAGO, Joely Coelho; ASSIS, WASHINGTON, Luiz dos Santos. Estética moderna e subjetividade: o cabelo como símbolo do (auto)reconhecimento da identidade negra. *In*: FRAGOSO, Élcio Aloisio [et.al]. **Anais I Encontro Nacional em Análise de Discurso: exterioridade e ideologia**. Porto Velho: UNIR, 2017.

SOUZA, Elizandra Batista de. Afagos. *In*: SOUZA, Elizandra Batista de. **Filha do fogo: 12 contos de amor e cura**. São Paulo: MJIBA - Comunicação, Produção e Literatura Negra, 2020.

SOUZA, Elizandra Batista de. Antes que as águas da cabaça sequem... *In*: SOUZA, Elizandra Batista de. **Filha do fogo: 12 contos de amor e cura**. São Paulo: MJIBA - Comunicação, Produção e Literatura Negra, 2020.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Revista Raído** (Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD), 10(21) 153-164. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217> Acesso em: 25 dez. 2023.

THEODORO, Helena. **Mito e espiritualidade: mulheres negras**. Pallas Editora e Distribuidora, 1996.